

TESTEMUNHO DE DANIEL SALES PIMENTA
ANTE A CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS

Caso Gabriel Sales Pimenta Vs. Brasil

1. **Poderia nos informar seu nome e sobrenome?** Meu nome é Daniel Sales Pimenta, irmão de Gabriel Sales Pimenta. Eu resido em Juiz de Fora - Minas Gerais. Meu documento de identidade é M 307 45 5.

2. **Como era o Gabriel? Como era a personalidade dele?** Eu vou começar te falando o seguinte: a família tinha sete irmãos, todos homens. Pai, mãe e sete irmãos. O Gabriel era o terceiro e eu sou o sétimo, o mais novo. Então eu vou te dar a minha visão de sétimo filho, de uma pessoa que recebe toda a influência vinda hierarquicamente. E eu sempre resisti a essa hierarquia. E nesse sentido, eu sendo mais novo, eu era uma pessoa que seguiu o caminho de ficar “na minha”, ficar calado, observar mais, porque já vi a cadeira voando por cima da mesa de almoço quando eu era novo. Os meus irmãos mais velhos estavam brigando (por algum motivo que eu nem faço ideia) e voou a cadeira por cima da mesa. Eu nunca mais esqueci essa cena. Então eu segui o caminho de ficar na minha, ficar isolado “na minha”, mais tímido. Aí eu observava mais o Gabriel. E nisso chega o Gabriel nessa história, porque ele era uma pessoa mais sensível no sentido de que ele não era uma pessoa de falar muito, de ser extrovertido. Mas não era introvertido também não, ele era “na dele” e ele tinha um intelecto, uma inteligência intelectual, marcante. Ele não fazia questão de mostrar nada disso porque ele tinha uma inteligência emocional também bastante marcante. Eu não estou querendo endeusar ele não, mas é isso, ele era uma pessoa mais na dele. E ele tinha as opções de vida dele. Por exemplo, ele ia fazer teatro. Ele usava uma bolsa a tiracolo e isso tudo era tabu dentro de uma família machista. Nessa época que ele ainda estava em casa, ele já tinha esse diferencial, e aí ele foi embora para Brasília para trabalhar no Banco do Brasil e depois ele foi, acho que, para Araguaia e depois que foi para Marabá. Nesse caminho, ele deu uma guinada de opção de alma. Ele saiu do direito clássico como advogado do Banco do Brasil e deu essa guinada na vida dele. Essa mudança de sintonia para alma foi muito rápida. E aí ele passa a influenciar gente dentro de um campo em que



não se fala muito, se faz mais e fala menos. Quando a gente se coloca numa posição mais, vamos dizer, de esquerda, de ser mais solidário e tal, muitas vezes a gente “se pega” num bar fazendo uma revolução tomando cerveja. Eu já “me peguei” várias vezes assim. Eu tenho influência burguesa, por que não? Classe média burguesa. Mas o que o Gabriel fez foi uma radicalização, na minha concepção, um exemplo que ele deu de vida, e que vai além de um julgamento corriqueiro. É uma pessoa que, na minha visão, está fora da curva, é um ponto fora da curva. E ele passa a ser uma referência. Eu acho fundamental falar isso. A injustiça que foi feita foi tão violenta, a opção por essa cultura de violência, que tudo que se puder fazer a respeito é bem-vindo. Então quando vocês estão se dispondo a fazer esse tipo de trabalho, eu não faço mais do que minha obrigação de botar minha alma para fora e dizer tudo que eu senti naquele momento, que sinto até hoje. Porque a convivência com ele, embora tenha sido pouca, vamos dizer, com pouca maturidade, porque em 1982 eu estava com 17 para 18 anos. Eu sei que não tinha maturidade e ele já estava longe, então a gente só se comunicava muito rapidamente naquela fila de gente para falar com ele no telefone, quando ele ligava. Cada um falava um pouquinho com ele. Eu falava pouquinho, mas a gente chegou a trocar algumas poucas cartas, umas três talvez, mas ficou marcado em mim. Há pouco tempo, eu lembrei no grupo de WhatsApp da família de quando o Gabriel falou: “Quando a gente luta, e a gente luta junto, o problema diminui”. Aí ele desenhou um quadrado pequenininho assim na carta. Então assim, o pouco que a gente trocou dessa informação de alma, porque para mim ele estava nesse momento de alma, ele já estava escancarado. Ele não andava armado lá em Marabá. Gabriel era uma pessoa equilibrada emocionalmente dentro de casa, não era ele que partia para a briga. Nunca vi ele partindo para a briga como opção, nem demarcando território de nada. Ele ficava “na dele” e ele tentava fazer um diálogo com os irmãos mais novos, pelo menos na minha ótica, porque eu sou o mais novo, ele tentava fazer um diálogo sensível. Conversando outras coisas, valorizando a gente. Então era uma pessoa que tinha uma inteligência intelectual e emocional a ponto de, em casa, sempre ter atitudes equilibradas e inovadoras, como, por exemplo, ter sido do teatro. E depois, como eu o via? Como uma referência de guinada de alma. Isso é fundamental na vida da gente. Depois que a gente amadurece a gente vê que várias vezes na vida, a gente tem que “tomar na cara” para aprender que está sambando errado. E aí a gente muda de rumo. E o Gabriel foi uma referência.



luta. Volta e meia era “fichado”. Tínhamos que tirá-lo da cadeia. E aí minha mãe incorporava isso e ficava com medo por conta de todos.

4. **Como era o contato do Gabriel, uma vez que ele estava em Conceição do Araguaia e depois em Marabá, com a família?** Ele fazia uma carta independente para cada um, a seu tempo. Demorava um pouquinho, mas carta é assim mesmo. Eu, por exemplo, guardei as cartas dele, tenho até hoje guardadas comigo umas três cartas, duas a três cartas, que ele fazia diretamente a mim. Então se os outros irmãos se comunicavam com ele, ele iria responder em carta específica para cada um. Então ele tinha a atenção para cada um individualmente. Ou seja, ele continuava com a mesma pegada sensível de enxergar cada irmão dele como um indivíduo. Não era uma coisa impessoal. Era pessoal, e tudo o que ele falava comigo encaixava dentro da minha vida. Então ele tinha muita atenção, diferente dos demais. Eu julgo assim.

5. **Ele chegou a falar, se não para você, para alguém da família, sobre algum medo que ele tinha de represália ou ataque, ou então sobre alguma ameaça que estivesse sofrendo?** Ele comentava que estava sendo perseguido, estava sendo seguido. Aí meu pai ou minha mãe, não lembro bem... Um dos dois falou: “Gabriel, vai embora”. Aí ele falou: “Eu não posso. O comprometimento que eu estou aqui, só saio daqui morto, tem que acabar a minha ação que eu estou fazendo aqui, eu não posso sair daqui agora assim”. Ele chegou a comentar que ele estava sendo seguido e sobre a mágoa em relação à Igreja. O Gabriel não fazia questão de ficar “abanando o rabinho” para a igreja e havia controvérsias políticas. O bispo da região de Marabá já tinha passado na nossa casa, em Juiz de Fora, conhecia a família toda. Tanto que, depois, na missa de um ano da morte do Gabriel, que eu fui com a minha mãe, a gente passou na sala dele e minha mãe “descascou” ele: “Você foi na minha casa, te recebi como uma pessoa da minha família. Chega aqui, porque o Gabriel não “reza na sua cartilha”, você abandona ele, deixa ele por conta dos pistoleiros. Como é que você faz um negócio desse? Qual é o seu papel de cristão?”. Ele ficou caladinho. Com esse abandono, o Gabriel ficou vulnerável em relação a essa falta de apoio. Os pistoleiros estavam querendo pegar ele mesmo e pegaram no dia da escolha de vereadores na convenção do MDB (Movimento Democrático Brasileiro, partido político).



3. Quando o Gabriel saiu de Brasília para Goiás para realmente começar a trabalhar com movimentos sociais, como isso impactou a família, principalmente os seus pais? Como foi o sentimento geral da família no momento em que o Gabriel tomou essa escolha? Comigo foi assim: “Ah, você vai para o Araguaia, Conceição do Araguaia? Tá”. Eu sabia que tinha a luta pela terra no Bico do Papagaio, que é justamente no Araguaia. Mas eu não media o grau do perigo. Já meu pai e minha mãe, eles mediam. Só que o meu pai sempre teve uma postura em relação aos filhos: depois que o filho decidiu, o que ele pode fazer é dar um suporte, mas ele não tinha condição, pela criação que ele teve com a gente, de botar um cabresto em cima do filho. Então ele não podia negar a decisão que o Gabriel teve. O Gabriel tomou a decisão dele e foi embora. Então o que ele podia fazer dali para a frente era o seguinte, isso na minha visão, obviamente: “Agora eu vou tentar ajudar ele da forma que for porque é a decisão dele. Ele é um homem, sabe da vida dele. Vou fazer o que eu puder fazer”. Mas a minha mãe sempre com muito medo. O meu pai demonstrava menos esse medo, mas ele tinha esse medo, com certeza. Eles tinham consciência da situação, mas, bem, eles apoiaram, porque em nenhum momento ninguém em casa “bateu de frente” com Gabriel, falando que ele estava fazendo uma bobagem. Todo mundo o apoiou, sendo que algumas pessoas o tinham como uma referência: “O cara é ‘foda’ de fazer um negócio desse”. Ninguém disse: “Você está largando o Banco do Brasil para ir trabalhar com sem-terra, como assim? E a grana e o salário?”. Ninguém lá em casa falou assim, graças a Deus. O que ficou foi esse medo do perigo por parte do meu pai e da minha mãe. O Zé descontava o medo que poderia ter sobre o Gabriel enfrentando os caras aqui na Região Sudeste. Ele descontava aquele medo canalizando em mais coragem para fazer a luta dele. A gente também. Mas então nessa guinada que o Gabriel dá, eu acho que ele teve só apoio lá em casa. Lá era uma casa em que o caminho de todo mundo tinha que ser autêntico. Então o que a gente tem que fazer? Só ajudar no que fosse possível, apoiar emocionalmente. Mas quando ele ligava, minha mãe chorava. A minha mãe, para ela, tudo na vida era muito perigoso, então ela tinha medo por conta dos filhos todos, não era só por causa do Gabriel. Então, o discurso era o mesmo. Para mim que era mais novo, por exemplo, eu a via com medo do risco do Gabriel. Mas o Zé também estava em risco. Estava sendo preso, reconstruindo a UNE (União Nacional dos Estudantes), estava no meio da

O Gabriel entrava na Serra Pelada levando panfleto, cartaz do MDB, de candidatos do MDB. Eu cheguei a ir lá depois com um menino que o acompanhava, que inclusive se chamava Daniel também. Eu fui com ele andando de carro e ele me mostrou por onde que eles passavam, no meio do mato, para cortar caminho para sair da vigilância e poder entrar dentro da Serra Pelada. Mas voltando ao foco... A comunicação era assim. E eu não lembro se era de 15 em 15 dias, mas eu acredito que era quando ele tinha um tempo. Nessa época a tecnologia era mais rústica. Era por "orelhão" que ele tinha que ligar e nem sempre tinha sinal de telefone. Era uma confusão. Eu lembro que a gente fazia fila para falar com ele no telefone fixo de casa. E lembro dessa história também, que o pessoal comentava desse risco que ele estava sofrendo né. E a gente não tinha ideia que a Igreja tinha abandonado ele.

6. **Você teria alguma informação sobre alguma atitude que Gabriel tomou em relação a procurar alguma autoridade para falar das ameaças que recebeu?** Eu era moleque, eu não lembro, mas eu acredito que ele tenha procurado, com certeza, porque ele trabalhava, ele acreditava nesse trâmite legal, porque ele estava lá como advogado. Isso eu escutei dos caras lá, que ele não queria andar armado, que ele era advogado, ele tinha que apostar todas as fichas dele no poder constituído. Eu acho que ele tentava passar uma noção de civilidade, porque o povo lá nem isso tinha. Por conta dos pistoleiros, quem manda lá é a força. Mas eu acredito que ele deveria fazer sim, mas eu não tenho como te dar certeza de que que ele procurou a polícia em uma certa data ou algo assim. As pessoas lá em Marabá diziam para ele: "Vou te ensinar a dar tiro, Gabriel, para você se defender". E ele falava "Eu não posso usar arma, porque se usar arma eu estou indo contra a minha posição aqui. Aqui eu sou advogado e aqui estou agindo dentro de uma mudança de cultura, dessa ignorância, dessa violência, dessa falta de humanidade". Então ele optou por dar o exemplo de ser advogado, o arquétipo de advogado. Quando eu fui em Marabá, me contaram que as pessoas chegavam e falavam assim: "Gabriel, o pessoal está te cercando, não tem medo não?". E ele falava: "Tenho mais seis irmãos lá em casa. Se fizerem alguma coisa comigo esse povo tá roubado, porque vêm mais seis irmãos aqui me vingar". Mas eu não acredito que ele tinha isso como apoio, porque nenhum de nós foi lá nos vingar e dar tiro no "Nelito".

7. **Como foi o momento em que vocês ficaram sabendo do assassinato de Gabriel? Como foi essa comunicação?** Foi um choque, um choque desesperador. A casa virou do avesso. Aquilo foi igual a uma bola de neve. Foi passando de um para o outro. Não sei quem foi que recebeu a notícia primeiro. Meu pai pediu para eu e meu irmão conferirmos uma loteria que ele tinha comprado, na Loteria Mineira federal: "Vai lá conferir isso, vai que eu ganhei agora". Porque a gente precisava de dinheiro para pagar o traslado, ou tinha que pagar quem é que ia para o enterro. Ficávamos imaginando como foi a violência da cena... Depois o Zé deu uma entrevista, não sei se foi para a revista Veja, e mostrou a camisa do Gabriel com os três furos nas costas. Foi um trauma a gente vendo aquela camisa suja de sangue. Minha mãe não pôde ir ao enterro e eu lembro que ela ficou chorando sem parar, derrubada na cama... Ela acordava, chorava até dormir, e eu fiquei sentado do lado dela na cama, no chão. Ficava lá com ela acompanhando. Ela ficou o dia inteiro desesperada. Não no sentido de desespero de raiva, no sentido de desespero de tristeza. No final da vida ela já estava com uma caduquice, parecida com Alzheimer, e já não tratava a gente mais como filho. No final da vida dela, ela olhava para mim e eu sabia que ela não estava me reconhecendo como filho, mas teve um dia que ela estava com o Zé (a gente fazia revezamento para ficar com ela) e na casa tinha um quadro grande do Gabriel. E aí ela saiu andando de onde ela estava e foi andando para perto do quadro e disse: "Foi uma covardia o que fizeram com esse menino". Sem ter mais muita consciência do que estava falando, mas aquilo ficou guardado com ela. O Zé ficou impressionado e nos contou que em certos momentos, em certos lampejos de consciência, ela ainda guardava essa memória emocional em relação ao Gabriel. No momento da morte, ela ficou derrubada demais. A gente também, a gente também ficou desnordeado. Eu lembro que eu não sabia o que eu fazia de tanta tristeza. Há um tempo atrás, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) botou o nome de um assentamento aqui perto de Juiz de Fora, em Rio Novo, de: assentamento Gabriel Pimenta. Ao final parece que o assentamento não deu certo. Mas durante um "tempinho", o Gabriel foi lembrado nesse local aqui perto de Juiz de Fora. E aí teve um professor conhecido meu que veio me dando "palminhas" (emoji) no WhatsApp porque meu irmão foi nomeado no assentamento do MST. Eu cheguei para ele e falei assim: "Cara, batendo palma para isso? Eu preferia que meu irmão estivesse vivo aqui do meu lado, não que ele fosse agora colocado nesse tipo de referência. Eu queria ter ele do meu lado". Eu não queria que o Gabriel tivesse passado por aquilo. Ele tinha a chance de viver mais. Foi uma covardia o que fizeram, e só conseguiram dar tiro pelas costas. Matador que é matador é um cara frio, mas não tiveram coragem de matar de frente, deram tiro pelas costas. Não tiveram nem coragem, porque era um cara que dava esse exemplo de civilidade. Tudo que



ele fazia lá era para passar esse exemplo de civilidade. Quando eu estive em Marabá, estava reunido em uma roda com trabalhadores de lá que estavam discutindo o que cada um iria fazer para organizar a missa, se havia risco represália dos pistoleiros, estavam analisando as possibilidades. E aí eu cheguei para uma mulher e falei “Eu queria ajudar de alguma forma, eu não sei o eu posso fazer para ajudar”. Ela olhou para mim e falou assim: “Você não precisa fazer nada. É só você ficar aí do lado da gente, porque você parece um pouco com o Gabriel e nos faz lembrar dele”. Eu estava com o cabelo grande enrolado, e ele também ficava com o cabelo enrolado assim. Então eles lembravam do Gabriel e consequentemente desse exemplo de civilidade.

8. **Você pode falar um pouco sobre as iniciativas da sua família para tentar obter justiça nesse caso?** Eu particularmente acho que, quando o Gabriel falava que não ia andar armado naquela realidade, a gente tinha que seguir o mesmo caminho e não ir lá para dar tiro. Teve uma vez vi o “Nelito” em palanque político, no Norte de Minas, onde ele estava escondido nas fazendas do irmão, mas ninguém fazia nada para prender o cara. Era revoltante, mas não podíamos ir para a violência, nos igualando a eles. Sobre o processo, no começo dessa história, ele transcorreu na mão do advogado da Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR8), que na minha opinião não tinha nada a ver, mas o Zé fazia essa opção. O que eu pude fazer para manter a civilidade que o Gabriel propagava, botar a justiça para se movimentar e para resistir, eu fiz. Tentei inclusive articular com a Igreja. Em 1992, mais ou menos, o Dom Luciano Mendes era o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e ele era bispo de Mariana, perto de Viçosa. Eu estudava em Viçosa, ele foi lá e eu consegui uma audiência sozinho com ele, contei o caso do Gabriel todo e perguntei se ele intercedia pela Igreja para a gente poder fazer alguma ação. Ele escutou aquilo tudo e falou: “Olha, conversa com a sua família. Se todo mundo estiver de acordo, você vai me procurar lá em Mariana e eu vou pegar essa causa para a gente tocar para a frente”. Mas quando cheguei para falar com a família, e eu era o mais novo, hierarquicamente mais abaixo, a família achou que era melhor a Igreja não participar. Depois de um tempo, soube que um advogado da Comissão Pastoral da Terra (CPT) estava “tocando” o caso em Marabá e me desentendi com os meus irmãos, porque não tinham aceitado a minha sugestão, mas de repente a Igreja ia voltar a participar do caso. Eu acho que agora a CPT estar atuando neste caso na Corte Interamericana é um reconhecimento

DSF

de uma ação que eu fiz lá em 1992 e de um trabalho que o Gabriel sempre fez de tentar congregiar todos os lados. Mas depois da minha sugestão ter sido rechaçada, deixei o Rafael, que é meu irmão e advogado, tocar o caso para a frente.

9. Você mencionou o processo. A família no geral tinha informação do que estava acontecendo no processo? Tinha algum esforço da Justiça no geral para manter vocês informados? A informação que vinha para gente vinha através do Rafael, que era advogado, e do Zé. E eu particularmente, depois de 1992, falei: "Então vocês vão tocar para frente, beleza". Eu não fiquei mais sabendo, o que eu sabia sempre era aquela coisa de protelar, o sentimento nosso é um sentimento de abandono, um sentimento de frustração, de injustiça, de perpetuação de injustiça. Então, o sentimento que ficou para mim, foi que a obra do Gabriel foi lá em Marabá, ele foi enterrado lá. Não veio para cá o corpo dele, ficou lá. O pessoal pediu. A família consentiu e eu acho que está tudo certo. Aquela luta dele, era para eles estarem vivos, e dentro da ação que ele fez na vida dele. Essa luta tem que ter continuidade. E aí como tinha frustração em cima de frustração, era como se fosse um tiro pela culatra. Em vez de a gente aumentar a força, a gente diminuía a força por conta dessa frustração. Eu acho que, se tiver algum tipo de argumento para fazer, eu acho que a justiça neste caso perante a Corte Interamericana ainda é uma esperança para a gente. Eu acho que isso é fundamental, por isso que eu agradeço demais. Eu acho que é um resgate de uma luta de uma pessoa que a gente conviveu, que a gente teve o privilégio de estar por perto. É a luta dele, não é porque eu sou irmão dele, mas eu convivi um pouco com ele, e aí nesse sentido a gente quer que essa coisa vá para frente. É isso que já foi conquistado. Só desse caso ter sido aceito. Então eu acho que já é revolucionário e eu vejo metade do copo cheio. Eu acho que isso dá uma força para a gente, e eu falo "a gente" enquanto ser humano, vocês, eu, todos nós.

10. A família possuía esperanças de que houvesse um resultado positivo ao final dos processos judiciais? Eu não diria que eles perderam a esperança porque tudo o que era pedido para a gente dar um passo à frente, a gente dava. A gente está sempre à disposição para dar esse passo à frente, porque a gente não faz mais do que obrigação. Porque já que estão querendo arrolar a gente num determinado processo, a gente está à disposição, em



relação ao Gabriel. Se a gente não fizer isso, a gente está ajudando a matar ele. Em última análise, a gente está ajudando. Então assim, meus pais também sempre estiveram à disposição. Os recursos que foram apresentados para eles, eles estavam prontamente à disposição. Agora, no dia a dia, como era a consciência deles para dormir, encostar a cabeça no travesseiro? Aí eu acho que remete à questão da fé, eles eram católicos. Mas a questão burocrática, legal, a gente sempre teve à disposição de qualquer passo que fosse dado, mas o que vinha só era notícia de impotência.

- 11. Como era a visão de vocês quando foram para Marabá um ano após a morte de Gabriel? Vocês tinham medo? Como a sua mãe, principalmente, estava vendo tudo isso?** Ela só teve medo na hora que o avião subiu no Rio de Janeiro para a gente ir embora para Belém do Pará. Eu olhei para ela e falei: “Dona Glória, agora não tem mais jeito não, nós já estamos aqui em cima, daqui para a frente não adianta ter mais medo não”. Não foi pelo que eu falei, mas ela arrumou a coragem. Foi chocante! Tem uma foto dela que ela está de muleta. Ela estava de muleta, tinha sofrido um acidente de carro, e estava com a perna machucada. Estava andando com a muleta na época. Ela foi de muleta e, no dia da missa, ela fez um discurso incrível. Eu fiquei segurando o microfone do lado dela e ela falando para todo mundo que eles tinham que continuar a luta mesmo, que ele morreu, mas que eles continuavam ali, tudo que você imaginar de força, aconteceu. Pode não ter sido perfeito, mas foi uma força... uma coisa doida. O pessoal dizia: “Sim, é mãe dele mesmo, tinha que ser, tinha que ter uma mãe dessa”. Tem uma foto que ela está de muleta tomando banho no rio. Ela sentiu satisfação de estar junto com aquela gente simples. E todos seguiam assentados lá no Pau Seco. Ou seja, a luta dele não foi em vão. Ele fez a luta dele, deu a vida dele e eles estão lá vivendo naquele local. Nessa época da missa de um ano, a gente falou também com Jader Barbalho, que era governador. Foi num quartinho fechado, a gente entrou pelos fundos no palácio do governador. Nesse dia, minha mãe chorou. Acho que ela ficou impressionada com Jader Barbalho e chorou. Mas com o bispo ela não chorou, na missa ela não chorou, ela fez discurso, foi muito enfática. E o pessoal ficou muito feliz de a gente estar lá, e sentiram a força da memória do Gabriel. Foi muito bom, foi muito gratificante a gente ter ido. Eu trago isso como um privilégio na minha vida. A gente foi no cemitério e vimos tudo lá. Mas tinha um lado de barbárie também. Um cara me deu uma

arma na mão para eu segurar, para aprender a atirar. A gente foi dormir no Pau Seco e eu fiquei do lado de fora, dormindo do lado de fora junto com um cara de guarda costa comigo a noite inteira, numa rede na varanda, porque minha mãe estava dormindo dentro de casa. A gente não podia ficar todo mundo dentro de casa, porque se ficasse eles podiam cercar pelo lado de fora. Então, a gente ficou do lado de fora. Era uma barbárie. Nessa época da missa de um ano, o “Marinheiro”, que era sócio do “Nelito”, estava ameaçando Antônio Chico, que era o líder do Movimento dos Trabalhadores Rurais. E aí ele jogou o carro em cima do Antônio Chico, que então tirou a arma para fora e ficou esperando ele voltar, porque o cara botou o carro para cima dele e ele pulou fora da estrada a pé. O cara foi lá na frente, aí na hora que ele ia voltar, o Antônio Chico já estava com a arma esperando: “Então vem”, aí o cara foi embora. Isso foi na missa de um ano da morte de Gabriel. Isso foi no máximo uma semana antes de a gente estar lá. Só para vocês terem ideia de como eu não tinha noção daquela realidade: eu estava conversando com alguns trabalhadores rurais, estávamos em uma casa reunidos em Marabá e aí eu falei: “Eu vou lá falar com esse ‘Marinheiro’, não é possível ele fazer um negócio desse, vou falar com ele”. Eles ficaram me olhando como se eu fosse um alienígena. Eu era um “moleque”. Eles falaram assim: “Você não chega nem no quarteirão da casa dele, está cheio de pistoleiros na cidade, contratados por ele para se defender de você, que é irmão dele e eles acham que está vindo vingar o Gabriel. Acham que você está vindo para matar o ‘Marinheiro’ e ele está cheio de pistoleiros na cidade. Você não sai nem desse quarteirão aqui que eles te dão um tiro”. Eu realmente não tinha noção. E o Zé foi ficando indignado conforme eu ia dando os relatos, e o Zé me “botando fogo”, eu lembro que nessa hora o Zé falou: “Vai lá, meu irmão, vai lá falar com ele mesmo”. Ele estava indignado, mas o Zé estava aqui em Juiz de Fora, e eu estava lá. O que a gente vai fazer em uma hora dessas?

12. **Como era o trabalho que o Gabriel exercia em Marabá?** Além da questão relacionada à terra, ele pensava: “Não estou encaixado dentro do MR8, não estou encaixado dentro da Igreja, não estou encaixado dentro do MDB, mas vou trabalhar com todo mundo que eu puder, porque a gente tem que mudar essa cultura aqui”. Ele foi fazer uma creche para as mães poderem deixar as crianças lá para poder trabalhar. Ele fez uma porrada de associação lá em Marabá, várias coisas ele fez lá. Tinha uma reunião que ele tinha que conversar com



as mulheres. Aí ele falou assim: “Os maridos têm que vir também, porque senão como é que eu vou ficar com as mulheres aqui sozinho? Com a cultura daqui, os caras vão ficar com ciúmes”. Aí na hora que ele tinha que falar uma coisa específica com elas, ele pegou as crianças, botou na mão dos pais e falou: “Vão dar uma volta” e então falou o que ele tinha que falar com as mulheres. E aí a gente vê que o Gabriel tinha essa articulação de trabalhar em várias frentes, fazia Associação de Pescadores, Associação de Taxista, Associação de Trabalhador da Construção Civil, de trabalhador rural, fazia creches, negócios, etc. Eu, quando fui em Marabá, tirei uma foto até com um barco que se chamava Gabriel Pimenta. Para você ver, até para barco deram o nome do Gabriel.

13. Você diria que a morte de Gabriel foi consequência desse trabalho que ele exercia em prol dos Direitos Humanos? Sim. Foi um movimento pensado. Não foi só a despeito do “Marinheiro”, com o Nelito, mas também em relação a uma disputa de grileiros contra posseiros em geral. Porque ele estava se tornando uma liderança, um referencial dessa civilidade. E quando os caras perceberam que ele estava sem a força política do MR8, sem a força política da Igreja, que ele entra na Serra Pelada e aí o Curió ameaça: “Quem está botando propaganda aqui? Esse cara está jurado de morte”. Os caras veem que o quadro está todo favorável para eles, vão lá e matam o Gabriel. Mas matam uma pessoa que (aqui eu diria, não sei se estou certo, mas eu vou falar assim) estava em evidência como uma liderança dos direitos humanos. Sim. E não era mais um dos direitos humanos não, é isso que eu queria colocar aqui, e que eu considero, baseado nos casos que a gente escutava e no que eu vi um ano um ano depois. Ele era uma referência para eles. Ele defendeu a causa de 130 famílias e ele fez várias associações na cidade. Não vou exagerar a dose, de que ele era o “maioral”. Mas também não era apenas mais um. Eu queria colocá-lo numa posição de destaque naquela comunidade que ele estava, que era Marabá, naquele momento histórico. Ele não era um vereador, mas ele estava fazendo sempre o trabalho dessas associações, associando pessoas. Ele fazia associações, deixava o pessoal mais unido, com um discurso mais unificado. Então se torna o inimigo público, pode não ser o número 1, mas está dentre os dez primeiros. Aí se juntam todos esses fatores. O cara mata e sabe que tem “costas largas” do Curió, não vai ter ataque da igreja, vai ficar ofuscado pela história política, porque foi no dia da convenção do MDB. Então assim, no caso dele também eu



acredito que tenha sido um caso avaliado politicamente, de: "Nós temos que frustrar esse movimento que está se iniciando de civilidade, de direitos humanos, etc. Vamos queimar esse arquivo".

14. O que você espera dessa sentença? O que você acha que ela poderia trazer de reparação pela morte do Gabriel e pela impunidade em que esses fatos foram mantidos? Eu acho que pode ter um memorial, não só dele, mas da luta. Entendeu? Da luta. Um memorial naquela cidade de Marabá. É fundamental que haja uma educação incluyente, democrática, e que resgate esse momento histórico, a gente vai ver que isso se repete hoje. Então as novas gerações têm que aprender: "O que é um grileiro? O que é um posseiro?". Se tiver um local como um memorial na cidade de Marabá que resgate toda a luta pela terra, todas as injustiças, inclusive a do Gabriel, isso vai contribuir para essa educação. Tem gente que está nascendo e está achando que o mundo é essa realidade que ele está vendo, que o mais forte, o mais poderoso, o mais articulado, que tem coragem botou a arma na mão, é o que manda. Mas não, aquele que não tem coragem de botar uma arma na mão, tem coragem de admitir que ele é mais do que só um animal. Nesse sentido, a gente tem que dar coragem para essa cultura, para essa visão de mundo. Então a gente tem que ter locais referenciais para que todas as escolas possam ir lá, para ter trabalhos de resgate da cultura do próprio local, de onde surgiu aquela comunidade, como ela foi forjada ao longo do tempo. Então, eu falaria isso pra Corte. Eu falaria desse jeito que eu estou falando para vocês, eu falaria para Corte. Que a gente tem que ter uns referenciais para educação, para a gente estabelecer os argumentos, estabelecer os conceitos, e de onde vem a luta pela terra. Por que se mata pela terra. Porque se mata advogado que está tentando seguir a linha da legalidade. Eu acredito em escola, em educação e em um memorial, no sentido de ter um referencial físico.

Juiz de Fora, 10 de março de 2022

2º OFÍCIO

Daniel Sales Pimenta



PODER JUDICIÁRIO - TJMG - CORREGEDORIA: ESTADO DE JUSTIÇA

Ofício do 2º Tabelionato de Notas de Juiz de Fora - MG
Reconheço, por autenticidade, a(s) assinatura(s) de
DANIEL SALES PIMENTA
em testemunho da verdade. Juiz de Fora, 10/03/2022
SELO DE CONSULTA: FLW43989
CÓDIGO DE SEGURANÇA: 2859.8464.4395.7877

Quantidade de atos praticados: 1
Ato(s) praticado(s) por DAVI PIRES VENTURELLI - ESCRIVENTE
Emol.: R\$ 7,04 - T.F.J.: R\$ 2,19 - ISSQN: R\$0,36 - Valor final: R\$9,59
Consulte a validade deste selo no site <https://selos/tjmg.jus.br>

ETIQUETA
AB0524087